

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS BACHARELADO

PAULA CAROLINE PEREIRA BORGES

NÉVOA: FRAGMENTOS DE TEMPO E MEMÓRIA

CRICIÚMA

2017

PAULA CAROLINE PEREIRA BORGES

NÉVOA: FRAGMENTOS DE TEMPO E MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para obtenção do grau de
Bacharela no curso de Artes Visuais da
Universidade do Extremo Sul Catarinense,
UNESC.

Orientador (a): Prof (ª) Ma. Leticia de Brito
Cardoso.

CRICIÚMA

2017

PAULA CAROLINE PEREIRA BORGES

NÉVOA: FRAGMENTOS DE TEMPO E MEMÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharela, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas: Linguagens.

Trabalho aprovado. Criciúma, 21 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Letícia de Brito Cardoso - Mestra - (UFRGS) - Orientadora

Prof^a Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - (UNESC)

Prof^a Odete Angelina Calderan - Mestra - (UFSC)

**Aos meus pais que, com seu auxílio,
compreensão e paciência, me deram
oportunidade e suporte para a conclusão
deste curso.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela oportunidade e pela vida.

Agradeço aos meus amados pais, Aldeni e Paulo por todo amor e paciência durante todo este percurso.

Especialmente à minha amada irmã Greici por todo seu amor, mesmo que morando distante, e aos meus maravilhosos sobrinhos: Victhor, Murilo e Higor, que também mesmo de longe contribuem muito depositando todo seu carinho sobre mim, e que continuam me dando muita força nas minhas realizações, torcendo por mim e vibrando a cada conquista.

Sou grata ao Curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura da UNESC e aos mestres que fizeram parte da minha caminhada durante os quatro anos de curso, obrigada pela sua sabedoria e generosidade.

De modo especial agradeço ao Coordenador Prof. Marcelo Feldhaus, pelo seu exemplo, sua generosidade, e por todo o apoio ao longo deste percurso.

Sou grata também pelos amigos incríveis que fiz ao longo desta etapa que certamente irei levar para a vida toda, meus amigos mais próximos Tiago Fernandes, muito obrigada por todo o carinho e reboação no c.a ao longo desses quatro anos de curso, agradeço também ao Juliano Bueno, pela amizade, pela companhia e pelas longas conversas que sempre acabavam com um “vai dar tudo certo”.

Agradeço também à minha grande amiga-comadre Rafaela Ribeiro Pereira que esteve sempre presente me ajudando nas minhas maiores dificuldades. Carregarei e lembrarei sempre com imenso carinho e alegria de todas as nossas divertidas experiências e vivências.

À minha orientadora Leticia pela paciência e pelas diversas oportunidades e experiências vividas e compartilhadas neste período de tempo.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que esse dia chegasse, estou aqui pronta para mais desafios, experiências e vivências. Grande abraço.

A memória é o santuário interno de cada um.

RESUMO

Névoa: Fragmentos de Tempo e Memória trata-se de uma pesquisa desenvolvida na linha de Processos e Poéticas: linguagens, do curso de Artes Visuais - Bacharelado, e partindo de questionamentos suscitados na minha prática artística, investiga dentro da linguagem fotográfica, como representar o passado e o presente em um mesmo objeto. Os autores que auxiliam e me guiam nessa pesquisa a partir de suas teorias e pensamentos, são eles Flusser (2002), Dubois (1993), Barthes (2015), Bergson (1999), Passos e Barros (2014) e Canton (2009). Apresenta o seguinte problema: Como representar o passado e o presente em um mesmo objeto, a partir de percursos poéticos de minha memória? O presente trabalho, a partir dos estudos realizados, propõe navegar pelos conceitos e diálogos que se cruzam criando tramas e relações, oportunizados pelo processo em curso. Os resultados alcançados com essas viagens de memória revelam, o quanto o processo artístico e seus deslocamentos contribuíram e fortaleceram as experimentações do pesquisar, criar e do vivenciar, gerando possibilidades e novas propostas investigativas.

Palavras-chave: Fotografia. Memória. Tempo. Sobreposição. Projeção.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Sem título, 2007.	6
Imagem 2 – Sem título, 2007.	6
Imagem 3 – Sem título, 2008.	7
Imagem 4 - Sem título, 2008.	7
Imagem 5 - Sem título, 2007.	8
Imagem 6 – Sem título, 2007.	8
Imagem 7 – Sem título, 2007.	9
Imagem 8 – Sem título, 2008.	9
Imagem 9 - Sem título, 2009.	10
Imagem 10 - Sem título, 2016.	14
Imagem 11 - Sem título, 2016.	15
Imagem 12 - Praiadelta, 2016.	15
Imagem 13 - Quintal, 2016.	16
Imagem 14 - Sem título, 2016.	17
Imagem 15 - Sob Universo, 2016.	19
Imagem 16 - Sem título, 2016.	21
Imagem 17 – Sob suculenta, 2016.	22
Imagem 18 - Espera, 2017.	23
Imagem 19 - Sob rastro, 2016.	23
Imagem 20 - Vendo-te, 2017.	24
Imagem 21 - Oscilações, 2017.	24
Imagem 22 - Sem título, 2016.	25
Imagem 23 - Sem título, 2016.	25
Imagem 24 - Sem título, 2017.	26
Imagem 25 - Transbordar, 2017.	27
Imagem 26 - Transportas, Lela Martorano, 2004.	28
Imagem 27 - Mar de dentro, Lela Martorano, 2012.	29
Imagem 28 - <i>Espelho diário</i> , Rosangela Rennó, 2005.	30
Imagem 29 - <i>Rio-Montevideo</i> , Rosangela Rennó, 2011-2016.	30
Imagem 30 - <i>Imagem de sobrevivência</i> , Rosangela Rennó, 20015.	31
Imagem 31 - Cena filme <i>Closer: Perto demais</i> , 2004.	35
Imagem 32 - Sob rastro, 2016.	35
Imagem 33 - <i>Backlight: 36 auto-retratos</i> , Fabiana Wielewicki, 2004.	36
Imagem 34 - (Atlas, sheet 1.)	39

Imagem 35 - Montagem exposição Névoa, 2017.....	40
Imagem 36 - Montagem exposição <i>Névoa</i> , 2017.....	40
Imagem 37 - Montagem exposição <i>Névoa</i> , 2017.....	41
Imagem 38 - Exposição Névoa, 2017. Eu ao lado da produção Sob Universo, 2016.	41
Imagem 39 - Evento online da exposição <i>Névoa</i> , 2017.	42
Imagem 40 - Evento online da exposição <i>Névoa</i> , 2017: Detalhes.	43
Imagem 41 - Registro da projeção da Série Névoa no dia do processo de montagem da Coletiva dos TCC'S.....	48
Imagem 42 - Registro da projeção da Série Névoa no dia do processo de montagem da Coletiva dos TCC'S.....	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 PRIMEIRA ETAPA DA SÉRIE NÉVOA: A CAPTURA DAS IMAGENS EM VIAGENS.....	4
2 SEGUNDA ETAPA DA SÉRIE NÉVOA: SOBREPOSIÇÃO DAS IMAGENS NUMA FOTOGRAFIA QUE SE TORNA SUPORTE PARA UM DIÁLOGO DE TEMPOS... 	19
3 TERCEIRA ETAPA DA SÉRIE NÉVOA: A INSTALAÇÃO DA FOTOGRAFIA NO ESPAÇO EXPOSITIVO E O DESLOCAMENTO PARA A IMAGEM EM MOVIMENTO.....	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	51

INTRODUÇÃO

O interesse pela fotografia e os primeiros contatos com esta linguagem são antigos. Trago na lembrança, os domingos na casa dos meus avós, logo após o almoço, reunião em volta da caixa de fotografias, empoeiradas, desbotadas, algumas rasgadas, mas a lembrança estava ali, mais viva e clara do que nunca em nossas mãos. Memória, essa, antiga, mas que se faz presente em todo o desenrolar desta pesquisa composta por três capítulos.

Os três capítulos apresentam o desenvolver do processo poético da série Névoa de 2007 a 2017 que inicia no primeiro capítulo com a captura das imagens realizadas ao decorrer de algumas experiências. O segundo capítulo apresento com as referências o procedimento de sobrepor imagens com o auxílio do aplicativo para celular, e no terceiro capítulo a apresentação destas imagens a partir de uma experiência de uma exposição individual que se desdobrou na montagem em vídeo apresentado na sala Edi Balod.

No primeiro capítulo, descrevo a minha inserção no mundo da fotografia, trago as curiosidades de criança frente às fotografias e o aparelho fotográfico em si. Descrevo como eu inicio minhas fotografias falando da experiência da viagem para fora do Brasil e como essas lembranças alteram e alteraram o meu modo de pensar enquanto prática. Ainda neste capítulo trago pensamentos de minhas principais referências enquanto pesquisadora.

Para pensar melhor a fotografia e suas vertentes, utilizei os autores Vilém Flusser, Philippe Dubois e Roland Barthes. Trago Katia Canton e o filósofo Henri Bergson que me auxiliam a pensar o conceito de memória.

Como o interesse pela linguagem fotográfica acontece juntamente com a minha prática artística sobre memória, também me aproximo do pensamento e da prática das artistas Lela Martorano, Juliana Hoffman, Fabiana Wielewicki e Rosangela Rennó. No segundo capítulo apresento alguns de meus trabalhos de sobreposição e relaciono com os trabalhos de minhas referências artísticas. Perante os questionamentos sobre como apresentar estes trabalhos, converso com essas referências e trago possibilidades para a realização expográfica do meu trabalho e as primeiras experiências com a minha inserção nas minhas sobreposições. Apresento como essa ideia apareceu durante meu processo de pesquisa e seus desdobramentos.

No terceiro e último capítulo faço alguns questionamentos sobre o nome da exposição Névoa, e compartilho a experiência do deslocamento para a exposição, em Florianópolis e como esse evento contribuiu muito para a minha pesquisa e meu modo de ver e pensar as sobreposições dentro de um espaço expositivo. E como esses deslocamentos, a pesquisa teórica em si e as experiências vividas ao longo dos quatro anos de graduação no curso de Artes Visuais da UNESC, foram e são de extrema importância no processo de formação do artista.

Acredito que como toda pesquisa necessita de um processo metodológico para concretizar-se, é necessário se inserir no campo escolhido como pesquisador.

O meu trabalho se insere na linha de pesquisa de pesquisa de Processos e Poéticas juntamente com referencial teórico do campo das artes, nesse sentido escolho como metodologia Cartografia, mais precisamente me relaciono com a pista 2, que é trabalhada por Virgínia Kastrup onde ela cria interlocuções entre Freud e Bergson e na fenomenologia são definidos o que ela chama de gestos da atenção cartográfica que são quatro: o rastreio, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

A cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, 2015. p 32).

Assim me identifico com a cartografia e apresento o meu processo na teoria e na prática trazendo os meus próprios deslocamentos, para as lembranças, viagens, tanto as que me deram as imagens quanto à viagem da exposição Névoa, que aconteceram ao decorrer da pesquisa dessa escrita, ambas as viagens em relação ao deslocamento de imagens e as sobreposições dessas memórias. Relaciono estes gestos que Virgínia Kastrup cita no livro “A cartografia como método de pesquisa intervenção”, com o meu processo no decorrer da pesquisa, como se as pesquisas iniciais para o trabalho fossem o rastreio, busca de referências. O aproveitamento e a conversas com esses artistas e pensadores juntamente com o meu pensamento de produção, fossem o toque. Todo o universo de apresentação, socialização e realização sobre este trabalho, o pouso. E o pós, esse esgotamento de ideias, os planejamentos para o futuro, a continuação da pesquisa, seria o

reconhecimento atento.

Esse processo de mapeamento, considera que a pesquisa não vem de um ponto fixo, e sim de vários pontos, é uma grande ramificação das ideias.

No sentido de reversão de modelos tradicionais de pesquisa, a cartografia se torna um método de pesquisa que trazendo novas aberturas para as áreas das ciências humanas segue um curso mais desafiador. Barros e Passos no primeiro do livro *Pistas do Método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, afirmam que “toda pesquisa é uma intervenção” (2014, p. 17).

(...) como método de pesquisa-intervenção pressupõe um orientação do trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas nem com objetivos previamente estabelecidos (...) é o traçado desse plano de experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação. (PASSOS, BARROS, 2014, p. 17-18).

Desse modo apresento meu problema de pesquisa que se dá em: Como representar o passado e o presente em um mesmo objeto, a partir de percursos poéticos de minha memória.

As questões que norteiam e que permeiam esta pesquisa que são:

Como esses registros interferem e saciam as lembranças?

Como a linguagem da fotografia pode relacionar o passado e presente em um mesmo espaço físico?

Como propor essas conexões de tempos?

Trago também os objetivos que pretendo com esta pesquisa que são:

Apresentar um modo de propiciar através da linguagem da fotografia relações entre passado e presente no mesmo espaço físico.

Pesquisar como que a fotografia e memória estão intimamente ligadas dentro do contexto artístico.

Elaborar sobreposições com a fotografia visando a minha pesquisa sobre memória.

1 PRIMEIRA ETAPA DA SÉRIE NÉVOA: A CAPTURA DAS IMAGENS EM VIAGENS

O interesse pela fotografia, como escrevi na introdução, e os primeiros contatos com esta linguagem é antigo, ainda lembro com detalhes a manipulação das caixas de fotografias, empoeiradas, desbotadas, algumas rasgadas. Meu pai também tinha uma câmera antiga de filme e foi com ela o primeiro contato com o aparelho fotográfico em si que eu tive, nada de manipulação, era só curiosidade mesmo, coisa de criança. Daí em diante o interesse adormeceu, deu lugar a coisas novas e retornou um tempo depois. Na adolescência ganhei uma câmera fotográfica digital e foi onde o gosto despertou, fizemos uma viagem para fora do Brasil para visitar meus familiares e foi onde comecei a fotografar, mas não era nada de mais, era mais por olhar as paisagens e querer eternizá-las e guardá-las para mim.

Falando sobre o gesto de fotografar que é na maioria das vezes cheio de escolhas que procuram dar alguma ideia, há certa intenção que é planejada. Vilém Flusser fala que o gesto de fotografar é um gesto “caçador no qual o aparelho e o fotógrafo se confundem, para formar uma unidade funcional inseparável [...]. O propósito deste gesto unificado é produzir fotografias, isto é, superfícies, nas quais se realizam simbolicamente cenas. Estas significam conceitos programados na memória do fotógrafo e do aparelho”. (FLUSSER, 2002 p.34).

Percebo que nos primeiros registros fotográficos entre 2008 e 2009 o meu interesse pelo preto e branco já existia, quando eu postava fotos numa rede social comum na época, o Fotolog¹, com o meu nome em diferentes lugares desses registros, como uma forma de tornar aquele objeto meu, mas ao mesmo tempo estar disposto na rede, se fazia muito disso na época. Tempos passaram e a minha conta no micro blog Fotolog já não existia mais, então continuei registrando momentos, mas voltei a guardá-las em pastas no computador, sabia que algum dia elas me serviriam de um modo que não só para saciar minhas lembranças.

Anos se passaram e logo que entrei na faculdade o gosto pela fotografia cresceu ainda mais, devido às experiências que comecei a vivenciar, as diversas exposições que o curso de Artes Visuais me oportunizou, o próprio curso foi me moldando e me fazendo ser mais sensível nessa questão fotográfica, e aí então

¹ Fotolog é uma rede social de fotografias online. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/fotolog.html>>. Acesso em: 29/06/2017.

continuei a fotografar, mas agora bem menos com a câmera digital e sim com o celular e com mais frequência.

Com as inovações das redes sociais, eu me aproximei de uma rede social fotográfica nova e comecei a compartilhar elas nesta rede, o Instagram². Desse modo volto a lembrar das primeiras fotos que compartilhava no outro site, aqui tem uma relação com a linguagem, a memória e os dispositivos de circulação da imagem, desse tempo do Fotolog em 2008 e do Instagram em 2015.

Uma questão que gosto de mencionar, pelo motivo de não ter tido oportunidade de ter uma máquina fotográfica profissional ou o celular com maior qualidade, é que esse fator nunca me incomodou. A qualidade da imagem nunca me foi empecilho para fazer uma foto, o meu intuito fazendo estas fotos e as sobreposições, é o meu interesse em intervir no tempo do espectador sobre a imagem, indiferente se tenha qualidade boa ou não, acredito que faz relação com a questão da ação do tempo sobre o objeto também. Gosto de fazer com que o espectador olhe aquela fotografia e mergulhe na história que ela está querendo mostrar e que também este espectador imagine histórias observando-as. Porém, situar de forma precisa a diferença entre imaginação e memória, Bergson diz que:

(...) uma lembrança, à medida que se atualiza, sem dúvida tende a viver numa imagem; mas a recíproca não é verdadeira, e a imagem pura e simples não me remeterá ao passado menos que tenha sido de fato no passado que eu tenha ido buscar seguindo assim o progresso contínuo que a levou da obscuridade para a luz. (BERGSON, 1999, p.158).

É como Barthes também fala “A fotografia é sempre apenas um canto alterado de “Olhem”, “Olhe”, “Eis aqui” (BARTHES, 2015, p.14)”.

As seguintes imagens, da 1 a imagem 9, foram feitas durante a viagem que fiz com meus pais no ano de 2007-2008. Foi uma viagem especial onde fomos visitar a minha irmã que havia saído do Brasil fazia alguns anos e conhecer meus sobrinhos que haviam nascido lá e que até então conhecíamos apenas por registros fotográficos. A busca desses arquivos para realização deste trabalho foi algo muito bom, pois deste modo eu pude lembrar-me de várias situações engraçadas e tristes que passamos durante essas viagens.

² Instagram é uma rede social de fotos para usuários de Android e iPhone. Basicamente se trata de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens e compartilhar com seus amigos. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/o-que-e-instagram/o-que-e-instagram/>>. Acesso em: 29/06/2017.

Na imagem 1, apresento um registro do momento da viagem de ida, estávamos sobrevoando Buenos Aires em uma conexão.

Imagem 1 – Sem título, 2007.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em seguida, imagem 2, fiz chegando à cidade de Nova Iorque para nossa última conexão antes do destino em Boston.

Imagem 2 – Sem título, 2007.



Foto: Arquivo pessoal.

Nesta seguinte, imagem 3, estávamos em Buenos Aires à espera do voo de ida com destino a Boston.

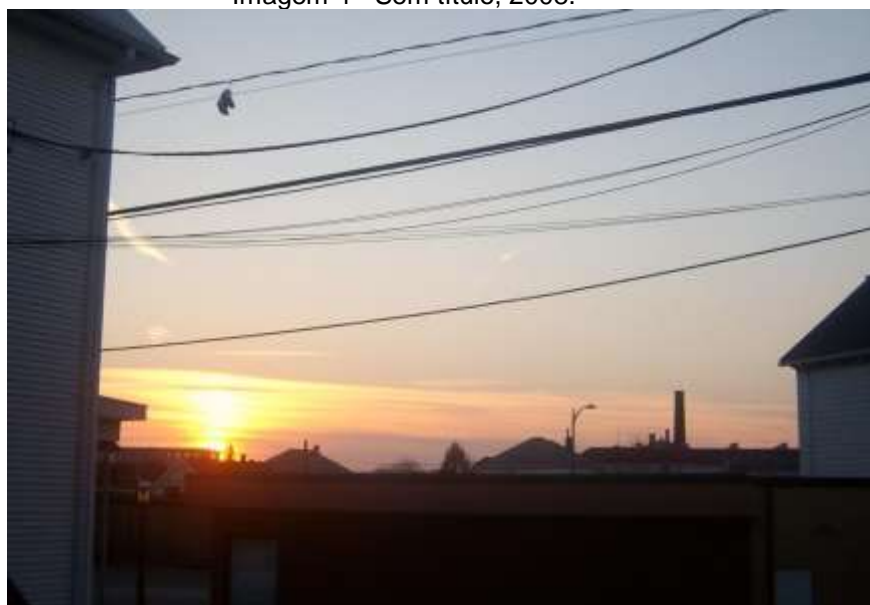
Imagem 3 – Sem título, 2008.



Foto: Arquivo pessoal.

Estas próximas fotografias, imagem 4 e imagem 5, são registros que fiz em diferentes dias durante nossa estadia na casa de minha irmã, na cidade de Fall River, MA.

Imagem 4 - Sem título, 2008.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 5 - Sem título, 2007.



Fonte: Arquivo pessoal.

As imagens 6 e 7 ilustra dentre muitos, um passeio que fizemos durante nossa estadia na cidade de Fall River, o lugar conta com dois navios e um submarino encalhados na ilha da cidade, dentro dos navios e do submarino funciona uma espécie de museu, havia vários objetos e pertences das pessoas que fizeram parte daquela história.

Imagem 6 – Sem título, 2007.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 7 – Sem título, 2007.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na imagem 8 a seguir, eu e meus pais estávamos indo a destino do aeroporto para retornar ao Brasil depois de ficar quarenta dias fora, este é um túnel que fica localizado de baixo d'água na cidade de Boston MA. Chuva, frio, e o preto e branco, (que a minha máquina da época me permitia isso, de fazer o registro já com o filtro sem precisar sofrer edições). A tristeza e a dor de partir deste lugar posso ainda sentir. Associo essa localização do túnel, com os nossos sentimentos na hora e nesse dia, não queríamos ir embora dali, a sensação era de realmente estarmos submersos como os carros na imagem, metaforicamente.

Imagem 8 – Sem título, 2008.



Fonte: Arquivo pessoal.

Este registro da imagem 9 também faz parte da viagem de volta para o Brasil, foi uma conexão que fizemos em Buenos Aires. Eu não me recordo o que eu pensava exatamente enquanto estava tirando essas fotografias, sei que eu gostava e assim as fazia. Para Flusser:

As fotografias são imagens técnicas que transcodificam conceitos em superfícies; decifrá-las é também descobrir o que seguintes conceitos significam. Embora aparentemente objetivas (não-simbólicas), fotografias permanecem imagens: “superfícies que transcodificam processos em cenas”. “Como toda imagem, ela é também ‘mágica’ e seu observador tende a projetar essa magia sobre o mundo.” (FLUSSER, 2002, p.15).

Imagem 9 - Sem título, 2009.



Fonte: Arquivo pessoal.

Considero-me saudosista, pois me apego as minhas memórias e desejo eternizar os momentos por meio das fotografias e agora das sobreposições. Costumo dizer que os momentos da minha memória são como um grande santuário, que para mim significa um refúgio, e que para mim cada um possui esse santuário dentro de si. Penso que eu sou capaz de captar a essência, sentir os cheiros e a temperatura de cada lugar visitado somente buscando na minha lembrança, ou observando uma fotografia.

Bergson em *Matéria e Memória* articula uma teoria de memória partindo do que é pressuposto que ela é uma fonte primária de conhecimento da realidade:

A memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da

consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas. (BERGSON, 1999, p. 34).

Porém no início dessa pesquisa eu tinha uma ideia de memória como se fosse algo que não mudasse com o tempo e que ficaria sempre igual e fixa que nunca mudaria, mas com as vivências, as experiências vividas em campo de estudo, exposições e todo meu processo artístico, eu acredito que essa ideia mudou que remodelamos e recriamos as memórias a cada “visita”. A artista Lela Martorano pensa a fotografia como uma imagem fixa, congelada, mas que pode desencadear. Logo relaciono o seu pensamento sobre lembranças com o meu e também ao processo.

As lembranças estão mudando constantemente, de forma, de nitidez, de cor, de acordo com o momento, enquanto que a fotografia é uma imagem fixa e “congelada”, mas que tem o poder de desencadear este processo na mente do espectador, mais do que qualquer imagem de outra natureza. A fotografia nos remete ao exterior e ao mesmo tempo nos projeta ao nosso interior, a nossa maneira de olhar, à nossa visão interior. A percepção atua como um classificador de informações, sensações que podem se transformar em imagens que a memória vai armazenar. (VIEIRA, 2009.)

A artista Lela Martorano³ também escreve sobre a memória em seu processo artístico, como ela funciona e as possíveis relações com a fotografia:

O processo da memória também funciona segundo essa lógica similar de seleção e organização: quando pensamos, recordamos, imaginamos, estamos reconstruindo ou recriando a memória, adicionando ou suprimindo informações, em uma visão interior e subjetiva, recortada do real. Tanto a fotografia quanto uma recordação, nos remete ao passado, a uma realidade não só exterior, mas também interior e, sobretudo, anterior. (VIEIRA, 2009.)

Enquanto penso no passado algo que carrego comigo é saudade, que pode ser para muitos um sentimento de tristeza e dor, para mim, às vezes também, mas ao mesmo tempo é algo bonito, pois com as saudades pode-se voltar no passado sem ao menos tirar os pés do chão.

Penso que o que cada um viveu não pode lhe ser tirado, acabado, apagado, esquecido, destruído, o que se vive permanece até o fim com cada um. Olhar para trás e sentir que se viveu tudo aquilo, momentos incríveis e ao mesmo

³ Artista Lela Martorano (1974) nasceu em São Joaquim, SC, Brasil. Doutora em “Linguagens e Poéticas na Arte Contemporânea” pela Faculdade de Belas Artes de Granada (UGR), Espanha, 2013. Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2000. Vive e trabalha em Florianópolis, SC. Disponível em: <<https://lclamartorano.com/sobre/>>. Acesso em: 29/06/2017.

tempo possíveis de visitar pela lembrança. Como no artigo Imagem e Saudade, o autor fala que:

(...) determinar uma possível manifestação da saudade na imagem fotográfica acaba por levá-la, a ela mesma, a desafiar seu próprio princípio consagrador, a querer tornar eternamente presente aquilo que é por natureza indefinidamente ausente. (...). (JESUS, 2014.)

Voltando ao meu processo, com o passar dos tempos, uma fotografia ali, uma paisagem, um lugar visitado, a maioria colorida, porém houve um acontecimento na minha vida pessoal, no meio do ano de 2014 minha outra parte da família vinha a dizer que iria embora novamente do Brasil. Isso foi um peso na época, e ainda é. Falando sobre ausência dessas presenças de meus familiares em relação com a saudade, Dubois fala que:

Em fotografia há sempre apenas uma imagem, separada, tremendo em sua solidão, obsedada por essa intimidade que num instante teve com o real para sempre desaparecido. É essa obsessão, feita de distância na proximidade, de ausência na presença, de imaginário no real que nos faz amar fotografias e lhes proporciona toda a sua aura: única aparição de um longínquo, por mais próximo que esteja. (DUBOIS, 2003, p. 314).

Família, distância, saudade, tudo isso refletiu involuntariamente no meu trabalho, na questão do preto e branco, como um *filtro da saudade*⁴, ou eu aplicava esse filtro depois de tirar a foto, ou eu já tirava ela preto e branco. Essas fotografias possuem uma importância como presença na ausência, um território de resgate, uma presença do outro pela imagem, ou pelas paisagens dos lugares vividos.

É como a Lela Martorano também escreve: “É justamente entre o lapso a ausência, que as lembranças se mesclam a imaginação gerando imagens ilusórias”.

Aproximo o meu pensamento da artista onde a imagem da lembrança está neste “abismo” entre o vivido e o recordado:

Assim a memória cria e recria imagens a todo o momento. O distanciamento entre passado e o presente, esse desfase temporal implicado na fotografia, é onde se impregnam de ficção nossas recordações, buscadas no passado, mas carregadas de impressões presentes. (VIEIRA, 2009.)

Logo após esse episódio, eu comecei a tirar fotos somente em preto e branco, mas também continuei a realizar as fotos coloridas e depois editá-las para o preto e branco, talvez por me passar a ideia de um modo antigo da fotografia também, e relacionado com essa saudade, conversou, eu gostei do resultado e até

⁴ Termo criado por mim para descrever o significado do modo preto e branco nas minhas fotografias.

então é como eu as faço.

Eu até as vezes faço alguma ou outra fotografia colorida, e penso: “Vou deixar assim”, mas logo começo a analisar e joga o filtro e parece que tudo muda de figura para mim, parece que fica mais confortável de olhar, traz a questão de lembrança e também faz o espectador imaginar ainda mais. Sobre o preto e branco Flusser diz:

Transformam seus conceitos em cenas. As fotografias em preto-e-branco são a magia do pensamento teórico, conceitual, e é precisamente nisto que reside seu fascínio. Revelam a beleza do pensamento conceitual abstrato. Muitos fotógrafos preferem fotografar em preto-e-branco, porque tais fotografias mostram o verdadeiro significado dos símbolos fotográficos: o universo dos conceitos. (FLUSSER, 2002, p. 39)

As sobreposições que comecei a fazer, a transparência que existe nelas, eu enxergo como se fossem névoas, que transitam sobre as lembranças e esses tempos.

Muitas vezes fotografo algo simples, e dali eu penso milhares de possibilidades, faço várias relações e acabo relembrando histórias, buscando outras fotografias e faço essa junção desses dois ou mais tempos em uma só foto. Sobreponho algumas memórias antigas, de viagens, momentos, lugares que visitei com as memórias atuais.

Assim faço uma junção desses tempos. Relacionando com a saudade e a ausência, deslocamentos e experiências ao longo da minha vida, trazendo como objetivo um modo de propiciar através da linguagem da fotografia relações entre estes diferentes tempos de passado e presente, e em alguns momentos inserindo a minha imagem, projetados no mesmo espaço físico.

Sobre memória, tempo e sua preservação e resgate Canton diz que:

(...) É muito importante preservar a memória. Se não tivermos cuidado em preservá-la, perdemos referências e isso não é bom. Tenho realizado vários trabalhos sobre essa questão, a vontade de resgatar ou restaurar uma memória, um tempo perdido. (...). (CANTON, 2009, p. 50).

A imagem 10 foi a primeira sobreposição que experimentei fazer, foi uma junção de três dias especiais, ainda me lembro, fiz no carro mesmo, ainda viajando para um dos destinos de viagem no ano de 2016.

Imagem 10 - Sem título, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 11 - Sem título, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Essas imagens, 11 e 12 são algumas sobreposições que eu fiz ao longo do percurso teórico prático da escrita e da pesquisa.

Imagem 12 - Praiadelta, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 13 - Quintal, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Aqui na imagem 13 e 14 fiz a sobreposição de fotografias tiradas em momentos alternados de uma mesma semana, foi em uma viagem que fiz com minha amiga Rafaela Pereira, e colega do Curso de Artes Visuais, onde fomos para o Rio de Janeiro juntamente com outros estudantes da UNESCO, para uma Bienal de estudantes que aconteceria na cidade. Na semana do evento além de aproveitarmos o lugar, saímos para conhecer outros lugares, foi onde fiz esses dois registros da imagem 14, uma foi na praia de Copacabana, e a outra foi dentro do Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. Junção de cultura do local do Rio e junção de memórias de ambos os lugares frequentados na mesma semana.

Imagem 14 - Sem título, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

A fonte dos meus arquivos nessas primeiras sobreposições são arquivos totalmente pessoais, como mencionei no início do texto, escolho as paisagens e os momentos de deslocamento diferentes e assim faço a junção dos tempos.

Diferente de mim a artista Juliana Hoffman⁵ traz em seus trabalhos arquivos coletivos, onde ela recolhe arquivos de jornais e faz seus trabalhos de sobreposições. Conheci o trabalho da Juliana em uma viagem que fizemos a Florianópolis onde na oportunidade visitamos seu ateliê e ela nos mostrou e contou um pouco sobre seus processos e sobre alguns trabalhos.

⁵ Juliana Hoffmann nasceu no interior de Santa Catarina e despertou o interesse pela arte ainda na infância. Atualmente ela vive e trabalha em Florianópolis (SC). Disponível em: <<https://www.exib.me/art/entrevistas/juliana-hoffmann>> . Acesso em: 29/06/2017.

Aproximo-me de Juliana Hoffman na questão da sobreposição em si, porém há diferenças em nossos trabalhos, as minhas sobreposições estou mostrando em projeções algo imaterial, e ela já se apropria do material, o acrílico. Enquanto a minha fusão é na mesma imagem, chapada, a produção dela tem uma distância entre as imagens, é diferente, mas a sobreposição está presente. Ambas apresentam as cores que são importantes para si, a cor, o colorido, no trabalho dela, porém no meu trabalho a minha cor é o preto e branco.

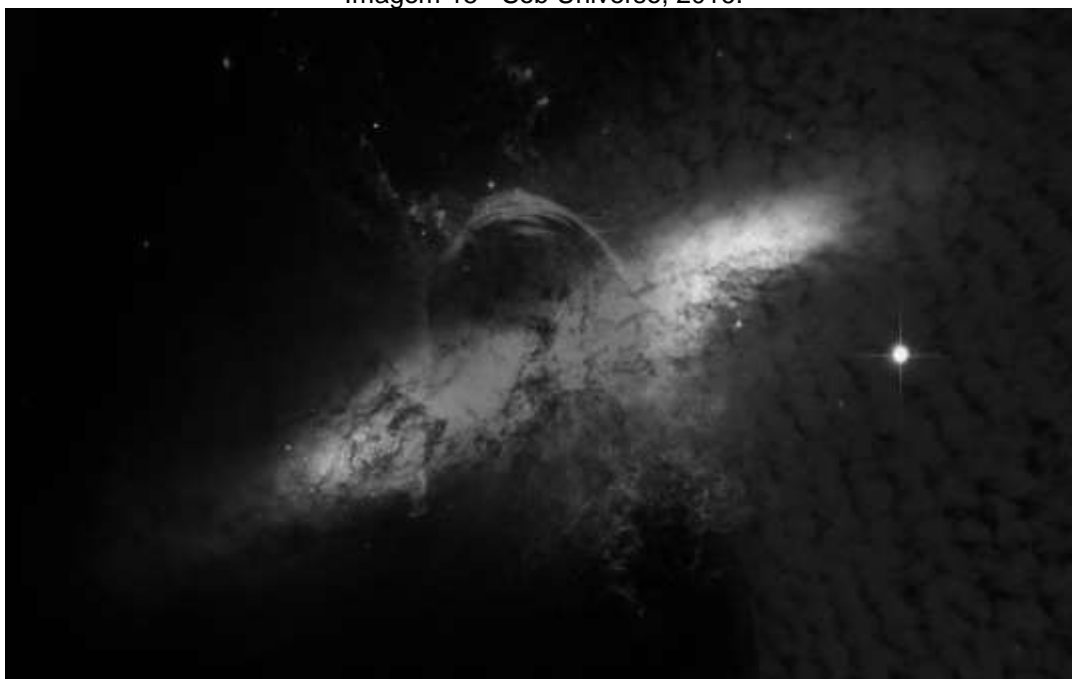
Já nos trabalhos da Lela Martorano vejo mais proximidade pelo fato dos arquivos, embora em alguns trabalhos ela se aproprie dos documentos do pai, eles não deixam de ser pessoais, e sobre ela falar da família, porém nos seus trabalhos essas pessoas aparecem em algumas sobreposições, o que no meu digamos que é escondido no meio das lembranças como as paisagens.

As fotografias ocupam as ausências, formam lugares onde é possível visitar e reinventar memórias e lembranças. De acordo com Bergson, “A lembrança”, escreve o filósofo, “conforme procuraremos mostrar na presente obra, representa precisamente o ponto de interseção entre o espírito e a matéria” (BERGSON, 1999, p. 5). Desta forma percebo que o gesto de fotografar na minha prática artística iniciou-se com imagens de arquivo pessoal coberto por um filtro, esse *filtro da saudade* que é como uma coberta para as minhas fotografias, como se eu estivesse cuidando e zelando colocando esse filtro preto e branco.

2 SEGUNDA ETAPA DA SÉRIE NÉVOA: SOBREPOSIÇÃO DAS IMAGENS NUMA FOTOGRAFIA QUE SE TORNA SUPORTE PARA UM DIÁLOGO DE TEMPOS

No início quando comecei a realizar as sobreposições eu fazia junções somente com imagens de paisagens memória. Uma experiência com desenho de autorretrato na aula de pintura na sexta fase, me fez começar a pensar fora da caixa da paisagem. Nesta prática a professora Letícia de Brito Cardoso que ministrava a disciplina, nos deu um espelho e fez com que escolhêssemos uma parte do rosto para desenhar. Nesse processo de observação, e de recolhimento para poder realizar o trabalho, surgiu a vontade de me inserir ainda mais nessas sobreposições, foi então que comecei a fazer algumas experimentações.

Imagem 15 - Sob Universo, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

A imagem 15 ilustra a primeira sobreposição que produzi nesse pensamento da minha inserção no objeto de memória. Onde comecei a fazer alguns questionamentos sobre a minha existência e permanência nessas memórias.

Diferente das fotos de paisagens as fotos que utilizei aqui neste primeiro trabalho, somente uma é de meu arquivo pessoal, o retrato e a sobreposição da foto do universo, com algumas constelações não são de minha autoria. O retrato foi feito pela minha amiga Rafaela Pereira, em uma aula de fotografia na sexta fase do Curso de Artes Visuais da UNESC. A edição foi minha, porém o registro ela quem fez. O

registro do universo, foi um apanhado de imagens nesse sentido que encontrei na internet, me apropriei e juntei com as outras, e a foto que aparece no fundo mesclada com as outras em que aparecem algumas nuvens, essa sim é minha. Registro de um dia muito agradável e que resolvi juntá-las e assim fazer a sobreposição dessas memórias.

Aqui eu me insiro como autorretrato, pois a minha foto foi tirada por outra pessoa, eu posei para esse registro, é como Fabiana Wielewicki fala sobre seu trabalho *Backlight: 36 autorretratos*, em sua dissertação *Investigações Fotográficas: Paisagem Programada*: (...) as fotos o mostram em uma postura contemplativa, típica das situações de pose. Fabiana ainda cita Rosalind Krauss que comenta a postura do artista relativa ao seu processo de trabalho:

(...) para se representar com a paleta ou a talha na mão, de pé, diante do seu cavalete ou um pouco recuado, dirigindo o olhar além da tela para sua própria imagem refletida em um espelho, o artista deve se mostrar em estado de contemplação, e não trabalhando. Mais exatamente, deve representar essa parte precisa de seu trabalho que é a contemplação ou o pensamento. Sua tela, seu molde coberto de gesso ou sua máquina fotográfica são os emblemas de sua identidade: são os instrumentos por intermédio dos quais seu pensamento vai se materializar. (...) Mas para poder representar a si mesmo como sujeito, como o que realiza uma obra, ele precisa interromper a fase ativa de seu trabalho com essas ferramentas. Ele escolhe mostrar uma ação que não implica em movimento em gesto visível. Ao contrário, trata-se de uma “olhar” de uma fixação dos olhos que lhe permite simbolizar a si mesmo como inteligência mediadora, como agente constituinte da obra. O artista representa-se então no ato “do olhar”, e não no ato de uma manipulação física. (KRAUSS apud WIELEWICKI, 2005, p. 52.).

Nas seguintes imagens, imagem 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25 as sobreposições são apresentadas de um modo em que eu me insiro, porém é uma inserção que não é nítida nem clara, é como se eu estivesse coberta por uma camada, pelo filtro da saudade e pela névoa, como se eu estivesse querendo estar no momento da fotografia outra vez.

Imagem 16 - Sem título, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Porém nestes trabalhos o papel de autorretrato dá lugar à selfie, pois sou eu quem faz os meus registros. Embora eu fale de selfie, que é um modo onde eu mesma faço o meu registro diferente do autorretrato, onde eu tenho que me locomover até um espaço para o registro acontecer, segundo Barthes: “(...) ponho-me a posar, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. (...)”. (FLUSSER, 2015, p. 18).

Imagem 17 – Sob suculenta, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 18 - Espera, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

Este trabalho da Espera, imagem 18, foi uma junção da memória de 2008, onde volto da viagem, e aguardo o avião para voltar para casa, com outro registro de um céu de uma lembrança também especial de espera.

Imagem 19 - Sob rastro, 2016.



Fonte: Acervo da artista.

Imagem 20 - Vendo-te, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 21 - Oscilações, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 22 - Sem título, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 23 - Sem título, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 24 - Sem título, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 25 - Transbordar, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

A sobreposição e a vontade da projeção surgiram por conhecimento dos trabalhos de Lela Martorano e Rosangela Rennó ⁶também nesta aula de pintura. Ambas realizam trabalhos envolvidos por memória e pelo suporte de sobreposição e/ou projeção.

De todos os trabalhos de Lela Martorano, Transportas (2004) este é um dos que mais gosto e me identifico, pela questão do suporte da transparência. Neste

⁶ Artista de Belo Horizonte, 1962. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Formada em arquitetura pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (1986) e em artes plásticas pela Escola Guignard, Belo Horizonte (1987). Doutora em artes pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo (1997). Disponível em: <<http://www.rosangelarenno.com.br/biografia/pt>>. Acesso em 29/06/2017.

trabalho, *Transportas*, ela apresenta fotografias de portas e janelas em transparências em tamanho real, que são posicionadas, algumas em paredes, outras no meio de um espaço.

Imagem 26 - *Transportas*, Lela Martorano, 2004.



Fonte: <https://lelamartorano.com/obras/transportas/>

Sobre este trabalho de Lela, Lindote diz que:

(...) A transparência, premissa da ordem contra a ambivalência e o caos, é aqui deslocada de sua atribuição; operando a serviço da perturbação concernente à arte. As películas de Lela Martorano dissimulam seu poder perturbador em delicadas imagens de casas, janelas e portas. Convidam-nos a entrar nesse outro território com promessas de passeios evasivos e consoladores, quando, nos colocam inversamente no espaço de desassossego próprio da linguagem. (LINDOTE, 2003.)

Ainda conversando e trazendo os trabalhos de Lela, *Mar de dentro* é outro trabalho do qual eu me aproximo, onde ela apresenta as fotografias impressas em

lambes de grandes dimensões, colados diretamente na parede.

Imagem 27 - Mar de dentro, Lela Martorano, 2012.



Fonte: <https://lalamartorano.com/obras/mar-de-dentro/#jp-carousel-636>

Segundo Lucila Vilela quando fala do trabalho de Lela Martorano no catálogo *Mar de dentro*, a projeção pode ser uma produção efêmera, (...) “evidencia-se o caráter do efêmero da obra, com imagens que se aderem a superfície, tal como a projeção” (...).

Eu me aproximo do trabalho de Lela Martorano também nessa questão, além das sobreposições de tempo e memória.

Lendo este catálogo sobre a exposição com os trabalhos da Lela Martorano me deparo com mais uma proximidade, minha projeção se encaixa em efemeridade que Lucila Vilela comenta, pois, não é algo fixo, assim como o lambe. O lambe com a ação do tempo acaba se esvaindo, a projeção quando desligada ela acaba, também some. Desenvolve-se entre a presença e a ausência.

Rosângela Rennó também se apropria de imagens fotográficas para desenvolver seu modo de contar histórias sobre memória. No seu trabalho de projeção ilustrado na imagem 28, *Espelho Diário*, ela apresenta em vídeo, no qual a própria artista encena a vida de uma personagem múltipla, criada a partir de colagens de histórias de “Rosângelas” de todo o Brasil, extraídas de jornais entre os anos de 1992 e 2000.

Imagem 28 - *Espelho diário*, Rosangela Rennó, 2005.



Fonte: <http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/26/1>

Neste seguinte trabalho da imagem 29, os projetores são operados pelos visitantes que acionam manualmente lâmpadas individuais para expor cada slide. Como resultado dessas interações, há constante mudança da sequência de imagens na parede, oferecendo ao espectador, novas e diversas leituras dos eventos descritos.

Imagem 29 - *Rio-Montevideo*, Rosangela Rennó, 2011-2016.



Fonte: <http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/63/1>

Essa questão do trabalho manual me aproxima de Rennó, mas também me afasta ao mesmo tempo, pois minha projeção no trabalho da exposição Névoa, que falarei sobre no capítulo seguinte, a ideia da experiência com o retro projetor seria de fazer este trabalho manual, e assim deixar também o espectador acionar o equipamento, porém a ideia foi abortada, assim ficando para uma próxima

oportunidade.

Outro trabalho da artista com o qual me identifico é “*Imagem de sobrevivência*” um projeto realizado a partir de várias coleções de diapositivos adquiridos em diversos mercados de pulgas e feiras de artigos de segunda mão, em vários países. Cada ‘escultura/estante’ abriga e expõe 4 projetores do tipo *Kodak Carousel*, que projetam as imagens em transparência, de forma simultânea e sobreposta. O resultado é uma projeção múltipla, que ao longo do tempo se modifica constantemente, sem se repetir, até que a luz dos projetores a consumam totalmente, para que sejam substituídas por outras, mais frescas.”

Imagem 30 - *Imagem de sobrevivência*, Rosangela Rennó, 20015.



Fonte: <http://www.rosangelarenno.com.br/obras/view/62/1>

Patrícia fala no artigo “A fotografia expandida no contexto da arte contemporânea: uma análise da obra *Experiência de Cinema* de Rosângela Rennó” sobre os trabalhos de Rennó a partir da fotografia expandida:

Em suma, dentro do conceito de fotografia expandida devem ser considerados todos os possíveis tipos de manipulação da imagem e de interferência nos procedimentos fotográficos que, ao final, atribuem ao código fotográfico um caráter inovador, que amplia seus limites e provoca uma reorientação dos paradigmas estéticos desta linguagem, tornando-a uma atividade estética renovadora. (ALESSANDRI, 2010, p. 02).

Desse modo aproximo o processo de Rennó com a minha vontade de experimentar outros modos de apresentação da fotografia. A questão do dispositivo do projetor aqui me chamou atenção e foi onde comecei a pensar melhor no modo de poder apresentar meus trabalhos futuramente.

Voltando a falar sobre as sobreposições, comecei a fazê-las no photoshop no computador, mas como nunca aprendi direito a trabalhar nele, e também como comecei a tirar mais fotografias com o smartphone do que com a máquina fotográfica, o que também é mais ágil e prático para mim, fui à busca de um suporte onde eu teria mais fácil acesso. E é também pelo fato de eu morar em outro município e ter de me locomover durante esse tempo até a universidade, os pensamentos durante as viagens no decorrer do curso, tempo esse no ônibus de visitar memórias, esse é outro ponto que me facilitou e contribuiu e ainda contribui muito também na hora de produzir. Muitas vezes estou na viagem de ida ou para a faculdade ou de volta para casa, entre um lugar e outro na estrada, tenho uma ideia, desbloqueio o celular, abro o aplicativo e desses deslocamentos diários saem alguns bons trabalhos sobrepostos. Sobre todo este universo aproximo meus pensamentos com Flusser que diz:

Estar no universo fotográfico implica viver, conhecer, valorar e agir em função de fotografias. Isto é: existir em mundo-mosaico. Vivenciar passa a ser recombinar constantemente experiências vividas através de fotografias. (FLUSSER, 2002, p. 66).

Encontrei então alguns aplicativos, fiz experiências, e o que mais uso hoje para realizar as sobreposições é um aplicativo disponível para android, chamado “Pixlr”. Esse aplicativo conta com diversos recursos e efeitos. O mesmo ainda conta com simples e algumas edições básicas, dentre elas a função de realizar sobreposição de fotos.

Dai em diante é como faço as sobreposições e edições nas fotografias. O programa de edição facilita o manuseio e tenho funções que preciso para realizar as sobreposições.

O modo como eu recolho essas fotografias para sobrepor é simples, abro o aplicativo, vou até as pastas onde ficam guardadas essas fotos, escolho-as e vou fazendo experimentações, se não ficou bom, volto a buscar nas pastas e assim a sobreposição aos poucos vai tomando forma. É algo simples e rápido, mas que para mim traz muito significado e me faz visitar as lembranças cada vez mais. Sobre lembranças, e imagem-saudade Samuel José Gilbert de Jesus nos fala que “Assim a imagem-saudade alcança finalmente um resultado a partir do emprego do ato fotográfico: registrar um objeto, fixa-lo e perpetuar a lembrança.”. Ele ainda cita Bergson como um dos primeiros teóricos que:

(...) inverte a concepção e, sobretudo, a percepção temporal da lembrança. Contrariamente a ideia geralmente recebida: “A lembrança é uma imagem virtual contemporânea do objeto atual, seu duplo, sua imagem no espelho (...)” (BERGSON apud JESUS, 2014).

A utilização do aplicativo permitiu com que eu experimentasse a junção de tempo na mesma imagem fotográfica. Esta possibilidade se aproxima do que denominei no capítulo anterior como *filtro da saudade*, pela sobreposição de imagens. Por este filtro invento um novo tempo, aonde sobrepondo o passado e o presente, fazendo com que estes escureçam e clareiem as imagens ocupando o mesmo espaço.

No entanto ao expor essas imagens fotográficas no espaço Nacasa em Florianópolis, a experiência de ver as imagens distribuídas pelo espaço, fez com que o trabalho se deslocasse e nasceu o desejo de realizar a imagem em movimento, utilizando o suporte de vídeo como foi apresentado na sala de exposições Edi Balod da UNESCO, na montagem da coletiva de trabalhos de conclusão de curso de Artes Visuais Bacharelado, no dia 19/ 06/ 2017.

3 TERCEIRA ETAPA DA SÉRIE NÉVOA: A INSTALAÇÃO DA FOTOGRAFIA NO ESPAÇO EXPOSITIVO E O DESLOCAMENTO PARA A IMAGEM EM MOVIMENTO

A oportunidade da inscrição no edital para a participação desta exposição no Coletivo Nacasa⁷ que fica localizado em Florianópolis se deu de uma proposta no final da disciplina de Laboratório de Criação com Leitura de Portfólio, da sétima fase onde a Professora Daniele Zacarão⁸ ministrava. O resultado saiu ainda no fim do ano de 2016, fiquei contente e assustada ao mesmo tempo, foi uma grande mistura de sentimentos, pois eu sabia que eu estaria totalmente envolvida com o trabalho de conclusão de curso no período que eles teriam escolhido para mim, que seria maio de 2017.

O tempo passou, a exposição foi chegando e eu com medo e insegura com a situação e sem saber o que fazer, por receio de não dar conta de tudo como gostaria. Até cheguei a falar para minha orientadora Leticia que eu não iria e ela disse que seria de extrema importância para a minha pesquisa. Então tomei coragem, meus amigos me incentivaram muito também, e enfrentei o desafio, no fundo eu sabia que seria de grande importância para minha pesquisa.

No início quando comecei a fazer as projeções pensei na fotografia impressa como modo de expor. Pelo fato de ser o mais viável para mim no momento, e também por não saber como apresentar de outros modos, mas logo depois dessa experiência na exposição Névoa, que aconteceu no Nacasa, tive algumas ideias. Pensei como modo de mostrar essa produção em projeção, como se essa projeção fosse uma grande janela para as minhas memórias e o espectador estivesse olhando de fora para dentro, para dentro de mim, e das minhas memórias.

Diante dessas vontades e me aproximando de artistas sobre a apresentação da produção, como a Lela Martorano e a Rosangela Rennó, me

⁷ Coletivo formado por 10 artistas. O grupo foi formado logo após o fechamento das Oficinas de Arte do CIC para as reformas estruturais do prédio onde muitos deles ministravam aulas. Atualmente o coletivo artístico "NACASA – Coletivo Artístico", funciona na rua José Francisco Dias Areias, 359 – Trindade. Florianópolis, SC. Disponível em: <<https://nacasaartes.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 29/06/2017.

⁸ Artista e gestora cultural. Mestranda em Artes Visuais pelo PPGAV/UDESC. Bacharel em Artes Visuais e pós-graduanda em Educação Estética: arte e as perspectivas contemporâneas pela UNESC. Coordenou a Galeria de Arte Contemporânea do Centro Cultural Jorge Zanatta (2009 - 2012) e a Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski (2013 - 2015). É membro da Associação Sul Catarinense de Artes Visuais ASCAV e atua como representante do setor de Artes Visuais no Conselho Municipal de Políticas Culturais de Criciúma COMCCRI. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4675623D0>>. Acesso em: 29/06/2017.

deparei com um registro da cena de um filme, *Closer – Perto demais*, do ano de 2004, cena essa, em que uma foto de uma das atrizes é projetada em uma parede num tamanho grande, imagem 31. A foto me chamou muita atenção a proximidade com o meu trabalho imagem 31, *Sob Rastro* e assim como nos trabalhos de Rosangela Rennó que cito no capítulo anterior, me fez pensar mais sobre minha produção final de TCC.

Imagem 31 - Cena filme *Closer: Perto demais*, 2004.



Fonte: <https://twitter.com/Moviepics/status/865283509237276672>

Imagem 32 - *Sob rastro*, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal.

Além desse modo, em registro da cena do filme, também me identifiquei

com o trabalho *Backlight: 36 auto-retratos*, 2004 da Fabiana Wielewicki⁹ onde ela posa na frente de uma janela e essa fotografia é projetada em uma parede em tamanho grande.

Imagem 33 - *Backlight: 36 auto-retratos*, Fabiana Wielewicki, 2004.



Fonte: Dissertação Fabiana Wielewicki.

Com uma semana antes da exposição do Nacasa me encontrei com minha orientadora novamente, levei impressa a planta baixa do espaço para

⁹ Fabiana Wielewicki é mestre em Artes Visuais, com ênfase em Poéticas Visuais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e tem bacharelado em Artes Plásticas pela Udesc.

podermos melhor distribuir as fotografias e a projeção, começamos a discutir sobre a organização da exposição, e a fazer uma seleção de quais fotos iriam, pois no edital eu teria colocado somente uma fotografia, e no fim achamos que seria muito pouco para o tamanho do espaço. Então iniciamos uma escolha de quantas iriam, qual se encaixaria melhor no espaço, tamanhos de impressão e como eu faria pra ir na abertura, pois eu queria, mas ao mesmo tempo não sabia se teria possibilidade de ir até lá, mas deu tudo certo e o coordenador do curso, Marcelo, a quem sou muito grata, também me proporcionou auxílio do curso de Artes Visuais da UNESC para o deslocamento até Florianópolis.

Nesta mesma semana anterior ao dia da exposição, fui atrás de orçamentos e lugares para realizar as impressões em papel e também a impressão na transparência para fazer a experimentação de projeção no retro projetor, que até então eu não havia feito. Fizemos as experiências no retro, achei que ficou um pouco escuro, mas ficaria interessante levá-lo para saber o que não fazer caso desse algo errado. Mesmo levando o retro projetor fiquei um pouco insegura em relação ao espaço e pela luminosidade do local, por ser grande e também por haver mais produções que não eram projeções, logo os outros trabalhos iriam ter que ser apresentados na parede fixadas e com uma luz direcionada, essas questões iriam me atrapalhar na organização da projeção pela questão da luminosidade do espaço.

Com isso levei a imagem da projeção em um pen-drive para me auxiliar e talvez colocá-la em outro espaço, se por acaso a experiência do retro naquele lugar não desse certo. Marcelo nos cedeu gentilmente o retroprojetor do curso de Artes Visuais, para que eu pudesse levar até o espaço da exposição e utilizá-lo em minhas experimentações. A impressão no papel, para ser fixada na parede, eu fiz em Florianópolis como a Leticia me recomendou, e a transparência eu consegui em uma gráfica em Criciúma mesmo.

Nesses encontros retomamos a ideia de nome para exposição, que até então seria Memória Projetada como eu teria resolvido que seria o título da minha pesquisa de TCC, mas começamos a analisar minha escrita e destacar alguns nomes que no decorrer da escrita eu mencionei, dentre eles o nome névoa foi o que mais gostei e que mais deu sentido para as sobreposições e assim decidi nomear a exposição assim, desse modo fui pesquisar significados no dicionário e lendo meus documentos das referências me deparei com essa fala de Lela Martorano sobre névoa, e aproximo ainda mais meu pensamento sobre desse comentário, onde ela

diz que:

O instante é eterno e efêmero ao mesmo tempo (...) explorando a fusão das linguagens, busco através da manipulação (transparência, sobreposição, distorção e rasura da imagem ou cena), a atmosfera que envolve as imagens retidas na memória através do corpo-olhar e da percepção, a névoa que encobre nossas lembranças, e que muitas vezes já fazem parte do próprio esquecimento. (VIEIRA, 2000, p.8).

Névoa segundo o dicionário: Vapor aquoso muito denso que obscurece a atmosfera; obscuridade, falta de clareza; aquilo que embaraça a vista; estorvo a visão.

O conceito de névoa para mim se aproxima da fusão de tempos abordada no capítulo anterior, névoa refere-se a algo que embaraça a vista, leve estorvo a visão, obscuridade, falta de clareza, assim como a sobreposição das imagens realizadas com o auxílio do aplicativo.

A operação do aplicativo na imagem, também aproxima o conceito de névoa ao filtro da saudade que menciono, pois esta falta de definição ou clareza nasce desse sentimento confuso em que o passado e o presente se confundem na mesma imagem.

Voltando a experiência do deslocamento para a exposição, saí da minha cidade rumo a Florianópolis na sexta pela manhã dia 12 de maio, viagens essas que tanto gosto de fazer, horas no ônibus, muitas pessoas diferentes num mesmo local, histórias diferentes, momentos para resgatar e criar ainda mais memórias, angústia, ansiedade, medo de não saber o que falar na hora, minha primeira exposição individual, e na Capital, conversas com os amigos via WhatsApp, uma mistura de sentimentos.

Cheguei a Florianópolis, eu e Letícia nos locomovemos até o local no Nacasa, organizamos as fotografias, assim que desembalamos as produções para começar a montagem, e as vi no chão e logo imaginei todas juntas como um conjunto, eu logo pensei neste trabalho da imagem 34 de Gerhard Richter, onde ele faz essa montagem de fotografias de familiares, com periódicos, revistas, retratos enciclopédicos, formando um conjunto de imagens.

Imagem 34 - (Atlas, sheet 1.)



Fonte: <http://interartive.org/2009/12/recordatorios/>

Pensar nesse modo para expor foi interessante, foi automático, logo que desembrulhamos as produções imaginei todas assim num conjunto em uma parede só, mas devido ao espaço como mencionei, achei que não seria possível e acabamos resolvendo de outro modo.

Logo tivemos alguns contratempos com o espaço, pois o local era grande e eu não havia levado muitos trabalhos para preencher e eles também eram pequenos em relação a sala do Nacasa. Com a projeção também tivemos um pequeno problema na questão de luminosidade, o lugar era claro, o retroprojetor também não muito novo, mas no fim trocamos algumas lâmpadas de lugar e deu certo conseguimos colocá-lo em lugar que deu certo.

Colocamos a projeção em uma parte da sala onde ela conversou com o próprio espaço, foi projetado em uma parte de uma porta de correr e a outra metade na parede, fazendo uma junção, onde as partes claras da fotografia fizeram parte do conjunto, foi uma conversa entre o trabalho e o espaço expositivo. Abaixo coloquei algumas imagens do dia da exposição e do processo de montagem.

Imagem 35 - Montagem exposição Névoa, 2017.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 36 - Montagem exposição Névoa, 2017.



Fonte: Acervo da orientadora Letícia Cardoso.

Imagem 37 - Montagem exposição *Névoa*, 2017.



Fonte: Acervo da orientadora Letícia Cardoso.

Imagem 38 - Exposição *Névoa*, 2017. Eu ao lado da produção *Sob Universo*, 2016.



Fonte: Acervo da orientadora Letícia Cardoso

A exposição aconteceu do dia 12 de maio a 23 de maio de 2017, no Coletivo Nacasa localizado em Florianópolis, na mesma semana que antecedeu a exposição troquei emails com a Anna¹⁰ organizadora do local, quem me sugeriu fazer um evento no facebook, para podermos divulgar a abertura, assim fiz, com o auxílio de meu amigo Juliano Bueno¹¹.

Imagem 39 - Evento online da exposição Névoa, 2017.



MAIO
12 **Exposição Névoa: Fragmentos de tempo e memória, de Paula Borges**
Público · Organizado por Paula Borges

✓ Comparecerei ▾

...

🕒 12 de maio – 23 de maio
12 de maio às 19:00 a 23 de maio às 22:00

📍 Nacasa - coletivo artístico
Rua José Francisco Dias Areias, 359. Trindade, 88036-120 Floria...

[Exibir mapa](#)

Fonte: Facebook. (<https://www.facebook.com/events/1745150432442018/>)

¹⁰ Organizadora e artista participante do Coletivo Nacada de Florianópolis.

¹¹ Amigo e colega do curso de Artes Visuais.

Imagem 40 - Evento online da exposição *Névoa*, 2017: Detalhes.

24 compareceram · 45 interessados

Ver todos



Juliana, Anna e outros 6 amigos compareceram

Detalhes

Nacasa - Coletivo Artístico apresenta:

Névoa: Fragmentos de tempo e memória, de Paula Borges

Junção, mistura, conexão, projeção e sobreposição entre memórias de tempos diferentes. "*Névoa*: Fragmentos de tempo e memória" é uma exposição fotográfica de caráter introspectivo que tem como intuito trazer o espectador para dentro das memórias e reflexões da jovem artista, subintendidas e mescladas beirando a ambiguidade e o surreal. Inserindo-se nas produções Paula conversa com suas memórias enquanto levanta alguns questionamentos sobre sua existência no universo.

Paula é aluna do Curso de Bacharelado em Artes Visuais da UNESC, Criciúma - SC.

Realização: Nacasa - Coletivo Artístico

Apoio: UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense / Curso de Artes Visuais - Bacharelado e Licenciatura

Photography

Art exhibition

Fonte: Facebook. (<https://www.facebook.com/events/1745150432442018/>)

Na oportunidade estavam na noite as organizadoras, Anna e Chay¹², a quem sou muito grata também, Diego de Los campos¹³, Juliana Crispe¹⁴ e logo depois chegaram algumas outras pessoas e a Juliana Hoffman.

Eu e Juliana conversamos um pouco sobre o trabalho de fotografia dela, que também traz essa poética da memória e do qual eu gosto e me identifico muito. Falei para ela que eu tinha gostado muito de um trabalho dela que havia sido exposto no evento anterior do Nacasa, o modo como ela apresentou o trabalho era muito interessante, eram duas fotografias sobrepostas, porém em um material de acrílico duplo, onde uma fotografia ficava no fundo do objeto e a outra na frente, fazendo assim uma sobreposição. Falei para ela sobre o modo como eu mostro os

¹² Artistas e organizadoras do Coletivo Nacasa.

¹³ 1971, artista plástico Uruguaio, 1990 / 1997 Instituto Nacional de Belas Artes – Universidade da República, Uruguai. 2008 / 2009 Especialização em Artes visuais: Cultura e Criação – Pós EAD Senac. Disponível em: < <https://diegodeloscamos.wordpress.com/cv/> > acesso em: 29/06/2017.

¹⁴ Artista plástica e coordenadora do Espaço Cultural Armazém - Coletivo Elza de Florianópolis.

meus trabalhos, que é a impressão, ainda é meio “crú” para mim, precisa de algo mais, por isso estou fazendo as experimentações com as projeções. Sobre projeção Lela Martorano diz:

O mecanismo da projeção, elemento essencial na obra, torna a imagem imaterial, evidenciando seu caráter efêmero, pois é de natureza etérea como uma lembrança. Essa imagem-luz, pulsante e vibrante, como a própria memória, reconstrói imagens a todo o momento, dando novos matizes as recordações mais profundas e arquivadas em lembranças. Talvez as fotografias, geradas a partir dessa projeção, sejam apenas registros da ação dessa luz sobre outra imagem, são *frames* de um momento único, onde a imagem-luz incidiu sobre uma superfície estática. (VIEIRA, 2009)

Juliana Hoffman, ainda sobre esses meus questionamentos sobre modo de expor, me falou que todas as nossas ideias se afloram com o tempo, e que é sempre muito bom visitarmos exposições e viajar para outros lugares para ter a noção de ver um trabalho ao vivo e a cores, e também ver trabalhos novos e apresentações de diferentes modos.

Logo após fizemos uma abertura com breves falas, valiosas por sinal. Apresentei minhas principais ideias sobre as fotografias e as sobreposições, que estas eram sobreposições de memórias, lugares de minha memória, mostrei somente uma com a junção de paisagem memória, e as outras eu havia me inserido fazendo alguns questionamentos sobre existência, permanência e minha transição nessas memórias.

Sobre a técnica de sobreposição em si, falei a eles que gosto de trazer essa relação com a transparência nos trabalhos de Lela Martorano, e ao mesmo tempo trazer também as minhas memórias subentendidas, por isso o nome da exposição “Névoa”, por ser algo não nítido, que tu não sabe se é aquilo que é realmente o que tu está olhando. Sobre essa questão do subentendido Lela Martorano diz que:

Esquecer é uma função tão importante para a memória quanto lembra, é justamente entre o lapso e a ausência, que as lembranças se mesclam a imaginação gerando imagens ilusórias. Me interessa essa imagem carregada de ficção, onde a imagem da lembrança está nesse “abismo” entre o vivido e o recordado. (VIEIRA, 2009).

Juliana Crispe que também estava presente, fez uma colocação muito interessante, e que eu também já havia pensado, sobre os tamanhos das fotografias. Fiz a impressão de duas no tamanho A3 e três no tamanho A4. Ela disse

que olhou algumas delas e sentiu a necessidade de ver maior no espaço, e realmente, por elas conter em alguns detalhes se fica na vontade de ver ampliado, fazendo com que o espectador se sinta tomado por aquela projeção de memória, e também pra fazer essa conversa com o espaço expositivo que agora para mim, será um lugar de memória também. Segundo Mônica Juergens Age no artigo, *A memória como rastro*, escreve sobre alguns dos trabalhos da artista Lela Martorano, sobre o *Mar de dentro*, 2012 que foi exposto no Badesc ela fala:

As imagens são apresentadas em grandes formatos e possuem uma resolução que necessita certo distanciamento para observar a obra. Seus trabalhos sugerem então um duplo distanciamento (...) (AGE, 2012).

Também diante dessa reflexão e de algumas vontades depois da experiência com a exposição Névoa, surge uma necessidade de ver esses trabalhos em maior escala, é onde começo a pensar na projeção maior na parede. Diego falou sobre a importância de encarar estas oportunidades que surgem, e que não devemos desistir perante as dificuldades e medos, temos que dar a cara a bater e enfrentar, mesmo se o trabalho for ruim, mas pelo menos foi, e teve a experiência, e isso é o que vale para o artista, a experiência.

Disse sobre a questão edital, do trabalho e do artista, que é como uma venda, o trabalho vai primeiro e depois o artista apresenta e mostra melhor aquele trabalho. Acredito que essa experiência de mostrar minhas fotografias, minha pesquisa, fora da cidade onde eu estudo, fora da sala de aula, fora do computador, fora da minha “bolha”, foi muito válida e especial, pois é como Diego de Los Campos também falou, “uma coisa é você ver teus trabalhos na tela do computador outra coisa totalmente diferente é você ver eles distribuídos em uma sala”, onde é possível ver que eles conversam entre si, constroem uma narrativa daquelas memórias.

Hoje se eu estivesse com aquele primeiro pensamento de desistir e não participar, não levar meus trabalhos, eu estaria muito arrependida, pois a experiência da imagem projetada moveu o meu desejo de realizar o vídeo que foi apresentado na coletiva de trabalhos de conclusão de curso na sala Edi Balod da UNESC.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante a pesquisa e todo o seu processo, consigo hoje enxergá-la mais madura e segura. A pesquisa teórica juntamente da prática ajuda e ajudou muito tanto para a minha formação, durante esses quatro anos de curso, quanto para a realização deste trabalho.

O percurso que a pesquisa tomou foi tranquilo no que diz respeito a produção, pois eu já havia um processo de produção, porém o modo de apresentação foi o que se modificou, a partir do deslocamento que fiz para a exposição Névoa, ver os trabalhos impressos me geraram muitos questionamentos e curiosidades, assim como conversar com os outros artistas mais experientes naquele dia.

O apanhado das imagens que tive que fazer para apresentar como eu me inseri na fotografia foi especial, pois pude lembrar alguns momentos das fotografias que vivi.

De acordo com o meu problema de pesquisa intitulado: Como a linguagem da fotografia pode relacionar o passado e o presente, tempo e memória, no mesmo espaço como representação física? Penso que consegui transmitir minhas diversas memórias através das sobreposições.

Acredito que a pesquisa tem muito ainda para caminhar e se desdobrar, ela pode se modificar todo dia, pelo fato de que cada dia eu terei uma memória diferente, para poder fazer essas junções depois.

Desejo a partir da experiência dos demais com a minha produção e pesquisa, expressar meus momentos de memórias e vivências.

Voltando a pensar no modo de expor este trabalho para a conclusão do curso e diante as dificuldades encontradas na hora da organização na exposição no Nacasa, comecei a pensar de outro modo, acredito que essa experiência de locomoção foi essencial para que essas mudanças acontecessem.

A ideia do retro ainda não está descartada, acredito que essa relação com o objeto antigo para mim tem diferença e seria interessante poder usá-lo, porém eu teria que conseguir um aparelho em melhor estado que o que usei no Nacasa. Porém existem outras possibilidades de apresentação.

Estive pensando em colocar quatro projetores no alto de uma sala escura, cada sobreposição projetada em uma parede diferente, e no chão em algum canto

colocar aquelas máquinas de fumaça, trazendo a névoa e fazendo essa relação do trabalho com o espaço expositivo, mesclando a névoa das minhas lembranças com a névoa daquela lembrança do momento da exposição. Porém acredito que essa ideia não seria viável agora para o TCC, pois todos os trabalhos são expostos juntos na sala Edi Balod, e neste espaço não teria como, pelo fato de ser uma sala grande, aberta e com iluminação de vários ângulos devido aos outros trabalhos. Mas guardo este projeto futuro em minha memória.

Outra ideia que tive, e essa seria possível na sala de exposições acredito, consiste em fazer várias impressões das sobreposições em papel transparência e num jogo montá-las na parede, por cima desse conjunto projetar algum vídeo de memória também. Ou projetar uma sobreposição sobre a outra.

A terceira ideia, e a que, eu acho que mais se encaixa junto com a ideia inicial do retro projetor, seria projetar, com o aparelho de projetor comum, uma sobreposição na parede da sala Edi Balod e logo abaixo na parede onde a projeção não aparece colocar a transparência, como se este objeto fosse a “etiqueta” de identificação do trabalho.

Conversando com meus amigos Rafaela Pereira e Juliano Bueno ¹⁵sobre as questões das produções, eles me deram algumas ideias para a apresentação da mesma. Uma das ideias seria de criar uma montagem de algumas sobreposições em conjunto – assim como na referência do trabalho de Gerhard Richter (imagem 34) e projetá-la, e logo depois, com efeito de troca de slide em transparência, fixar, focar em uma só imagem, e assim por diante, de modo com que o conjunto de trabalhos da série *Névoa* apareçam, e cada um tenha sua importância no processo e na apresentação do meu trabalho, e assim esse slide ficará em looping. Essa locomoção e transição das sobreposições projetadas fariam relações com as minhas próprias memórias, como se elas aparecessem e desaparecessem. Usando a montagem em vídeo, porém eu não traria o vídeo como conceito e sim como meu suporte.

Diante todas essas ideias e pensando num modo de apresentar as minhas sobreposições no suporte do vídeo ¹⁶, eu e meu amigo e colega de curso Juliano Bueno começamos a pensar um melhor jeito de realizar essa montagem em vídeo, para que ela não fosse algo parado. E já que eu não teria um programa para

¹⁵ Amigos e colegas de curso.

¹⁶ Memória projetada - Série Névoa. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=wXAFiUvclJc&t=29s>>.

melhor me auxiliar e nesse caso e ele me ofereceu um apoio e aceitei.

Imagem 41 - Registro da projeção da Série Névoa no dia do processo de montagem da Coletiva dos TCC'S.



Fonte: Arquivo pessoal.

Imagem 42 - Registro da projeção da Série Névoa no dia do processo de montagem da Coletiva dos TCC'S.



Fonte: Arquivo pessoal.

Toda a pesquisa teórica para a prática artística no processo do artista é muito importante, pois é capaz de aproximar ainda mais nossos processos com processos de artistas referência. Assim como citei trabalhos e pensamentos das artistas: Lela Martorano, Fabiana Wielewick, Rosangela Rennó, Juliana Hoffman, e me ajudaram ainda mais a pensar e levantar questões do meu trabalho.

Pensamentos de Bergson também me fizeram pensar melhor sobre o

conceito de memória, saudade e lembrança, que é vista como mutação, é algo que sempre muda, não é fixo.

O processo que é algo muito importante, também me ajudou a pensar em possibilidades e novas ideias perante os modos de apresentar meus trabalhos. Ao longo desses quatro anos de curso na UNESC, a cada nova disciplina, a cada nova inscrição em editais, a cada participação de exposição dentro e fora da universidade, com cada uma dessas experiências eu pude ter um aprendizado um crescimento diferente, ambos me fizeram crescer e amadurecer ideias sobre todas essas questões que permeiam a minha pesquisa sobre memória e fotografia. Esta nova experiência da coletiva dos trabalhos de conclusão de curso de Artes Visuais Bacharelado turma 2017-1, juntamente com mais 13 colegas artistas. Assim como o meu deslocamento para a exposição do Nacasa também foi de extrema importância.

Reconheço também com este trabalho e todos os seus desdobramentos a importância para o artista contemporâneo de unir os pilares, pensar, pesquisar, escrever, se deslocar, fazer e vivenciar tudo.

Concluo trazendo uma fala de Diego de Los Campos em um catálogo de seu trabalho de autorretrato, intitulado *Simpatia*, onde fala: “(...) acho que no fazer artístico existe uma espécie de mística particular, que se dá num nível muito pessoal, e reside nos significados que damos as formas, gestos e movimentos com que trabalhamos”.

Acredito que o processo do meu trabalho se apresenta coerente, consegui referências importantes, que são dialogadas com minhas principais ideias. Articular a teoria e prática não é algo fácil, penso que juntamente da minha orientadora, este trabalho foi iniciado com muita força de vontade e recheado de ideias, sobre pensar, agir, costurar e juntar todas essas experiências das minhas memórias.

REFERÊNCIAS

ALESSANDRI, Patrícia C. A. A fotografia expandida no contexto da arte contemporânea: uma análise da obra Experiência de Cinema de Rosângela Rennó. **Semeiosis: semiótica e transdisciplinaridade em revista**. [suporte eletrônico] Disponível em: <<http://www.semeiosis.com.br/a-fotografia-expandida-no-contexto-da-arte-contemporanea-uma-analise-da-obra-experiencia-de-cinema-de-rosangela-renno/>>. Acesso em: 24/05/2017.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Tradução. PAULO NEVES. Martins Fontes: São Paulo, 1999.

CANTON, Katia. **Tempo e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Closer - perto demais. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-51594/>>. Acesso em: 29/06/2017.

CV: Diego de los Campos. Disponível em: <<https://diegodeloscamos.wordpress.com/cv/>>. Acesso em: 29/06/2017.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.

Entrevistas. Disponível em: <<https://www.exib.me/art/entrevistas/juliana-hoffmann>>. Acesso em: 29/06/2017.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

JESUS, Samuel José Gilbert de. **A imagem saudade**: iconografia fotográfica contemporânea de um sentimento ambíguo. CHAUD, E e SANT'ANNA, T. F. (Orgs). Disponível em: <https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2014-eixo1_4_a_imagem_saudade.pdf>. Acesso em: 23/05/2017.

MAKOWIECKY, Sandra. **Lugar algum**: vestígios da memória em Lela Martorano. In: 20o. Encontro Nacional, da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas, ANPAP. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/sandra_makowiecky.pdf>. Acesso em: 25/05/2017.

Museu de Artes de Santa Catarina abre novas exposições. Disponível em: <<http://www.sol.sc.gov.br/index.php/component/content/article?id=472:museu-de-artes-de-santa-catarina-abre-novas-exposicoes&catid=1:noticias-em-destaque>>. Acesso em: 02/06/2017.

O que é instagram. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/o-que-e/instagram/o-que-e-instagram/>>. Acesso em: 29/06/2017.

PASSOS, E; BARROS, R.B. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

Quem somos: Nacasa. Disponível em: <<https://nacasaartes.wordpress.com/about/>>; Acesso em: 29/06/2017.

RENNÓ, Rosangela. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.rosangelarenno.com.br/biografia/pt>>. Acesso em: 29/06/2017.

Tudo sobre fotolog. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/fotolog.html>>. Acesso em: 29/06/2017.

VIEIRA, Daniela Martorano. **Recordatórios: notas sobre memória e fotografia**. s.d. Disponível em: <<http://interartive.org/2009/12/recordatorios/>>. Acesso em: 25/09/2016.

VIEIRA, Daniela Martorano. **Biografia**. Disponível em: <<https://lalamartorano.com/sobre/>>. Acesso em: 29/06/2017.

VILELA, Lucila, MARTORANO, Adriana. **Mar de dentro**: Lela Martorano. Florianópolis, 2012.

WIELEWICKI, Fabiana. **Investigações Fotográficas: Paisagem programada**. Porto Alegre, 2005.